

# Repercussões na vida de mulheres que são mães de crianças com deficiência

Flávia Linhares Martins. PUC Minas *campus* Poços de Caldas.  
E-mail: [flavialmm@yahoo.com.br](mailto:flavialmm@yahoo.com.br). WhatsApp: (31) 98880-1591

## INTRODUÇÃO:

Segundo o Relatório Mundial sobre a Deficiência (ONU, 2011), 15,3% da população mundial em 2004 possuíam algum tipo de deficiência, e dentre as crianças com faixa etária entre zero e 14 anos, a estimativa foi de 5,1%, o que representou treze milhões de crianças em todo o mundo. Ao avaliar as estatísticas brasileiras, segundo a Política Nacional de Saúde da Pessoa Portadora de Deficiência, nos “[...] foram identificadas 24,5 milhões de pessoas com algum tipo de deficiência, o equivalente a 14,5% da população brasileira.” (BRASIL, 2008, p. 12). O nascimento de uma criança pode significar um momento de alegria para muitas famílias, mas quando nasce uma criança deficiente, outros sentimentos surgem. Não há tempo para se preparar. (BUSCAGLIA, 1993). O impacto desse nascimento para cada familiar depende da dinâmica de cada família e do significado que esse evento terá para cada um. Considerando a concepção cultural da nossa sociedade que destina o cuidar ao sexo feminino, as mães geralmente passam a ser as principais cuidadoras dessas crianças.

## OBJETIVOS:

O presente estudo teve como objetivo pesquisar na literatura as repercussões na vida da mãe, a partir do diagnóstico de uma criança com deficiência.

## METODOLOGIA:

Foi realizada uma busca sobre a temática no Portal de Periódicos da Capes, e foram selecionados alguns artigos.

## RESULTADOS:

Através das leituras, percebeu-se que as mães assumem e vivenciam as responsabilidades em casa e nos tratamentos por toda a vida da criança. O filho e suas necessidades passam a tomar conta de toda a vida dessa mulher. Um novo conjunto de demandas surge juntamente com a patologia. Segundo Soares e Carvalho (2017, p. 3), “[...] tais mulheres são duplamente afetadas, seja pelos impactos que geram em suas vidas, seja pela condição de deficiência.” Kunst (2010) enfatiza que ao perderem o filho desejado, imersas em seu sofrimento e não elaborando o luto, essas mulheres podem estar impedidas de estabelecer um vínculo com o bebê real, e fazê-lo, por exemplo, com o bebê desejado e perdido, ficando, assim, prisioneiras da melancolia; ou podem estabelecer o vínculo com a deficiência e não com o filho deficiente, ou seja, suas relações estarão baseadas no fenômeno e não na criança, nas práticas terapêuticas, e não nas necessidades humanas”. Além da perda do filho imaginado, a sobrecarga de tarefas pode afetar várias esferas da vida dessas mulheres. Além dos sentimentos de frustração, essas mulheres experenciam um estresse excessivo e outros problemas de saúde física e mental, além de prejuízos financeiros e laborais, limitações no cuidar de outros filhos, relacionamento dificultado com o parceiro e aumento no número de divórcios. (MOXOTÓ; MALAGRIS, 2015). Acrescenta-se à rotina dessas mulheres situações de falta de acessibilidade e tecnologias assistivas, exclusão na escola e em ambientes sociais, e também de preconceito contra seus filhos. Essas mulheres, então, calam-se e tendem ao distanciamento social. Como passam a maior parte do tempo em casa dedicadas aos afazeres com a criança ou em centros de reabilitação, as mães de crianças com deficiência deixam de ser reconhecidas como parte da comunidade.

## CONCLUSÕES:

Os espaços de escuta à essas mulheres, para manifestarem suas frustrações e buscarem um novo olhar para si mesmas e em relação ao filho, são escassos em toda a rede de cuidado à saúde. Nas políticas públicas direcionadas à população com deficiência pouco se fala em relação ao cuidador e a desigualdade de gênero do cuidar. Ouvir as vozes das mães de crianças com deficiência pode contribuir para o empoderamento individual e coletivo dessas mulheres. Pensar essa relação entre a maternidade e a deficiência é necessário.

## REFERÊNCIAS:

- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Política Nacional de Saúde da Pessoa Portadora de Deficiência**. Brasília, 2008. 72 p.
- BUSCAGLIA, L. **Os deficientes e seus pais: um desafio ao aconselhamento**. Rio de Janeiro: Record, 1993.
- KUNST, G. C. E.; MACHADO, M. L. R. L.; RIBEIRO, M. M. S. M. **Grupo de apoio psicológico: vivenciando a maternidade de um filho especial**. 2010.
- MOXOTO, G. de F. A.; MALAGRIS, L. E. N. **Avaliação de Treino de Controle do Stress para Mães de Crianças com Transtornos do Espectro Autista**. 2015.
- SOARES, A. M. M.; CARVALHO, M. E. P. **Ser mãe de pessoa com deficiência: do isolamento à participação social**. 11º Seminário Fazendo Gênero. 2017.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Relatório mundial sobre a deficiência**. Tradução Lexicus Serviços Linguísticos. São Paulo – SEDPcd, 2012.